

**O II CICLO DE AÇÕES E LUTA INDÍGENA E A PERCEPÇÃO DA
COMUNIDADE ACADÊMICA PARTICIPANTE**

ELAINE C. MALDONADO

Universidade Federal de São Carlos

emaldonado@ufscar.br

ARIOVALDO MASSI

Universidade Federal de São Carlos

ariovaldomassi@hotmail.com

NIZZA COUTINHO RODRIGUES

Universidade Federal de São Carlos

nizzarodrigues6@gmail.com

VALDENILSON CANDELÁRIO

Universidade Federal de São Carlos

tomterena@hotmail.com

WÉLLIMA TIMÓTEO DE LIMA

Universidade Federal de São Carlos

wellimat@hotmail.com

RENATA SEBASTIANI

Universidade Federal de São Carlos

sebastiani@ufscar.br

RESUMO

Em novembro de 2017 foi realizado o II Ciclo de Ações e Luta Indígena, em que foram expostas para degustação pratos típicos dos povos indígenas representados na Universidade Federal de São Carlos campus Araras. Participaram 55 membros da comunidade do campus, dos quais 27 opinaram sobre o evento. A maioria dos entrevistados gostou muito do evento, indicando ser uma boa oportunidade para conhecer a cultura indígena presente no campus. A partir do relato dos entrevistados percebeu-se que foi possível reconhecer elementos da cultura indígena nos alimentos experimentados, inclusive quanto aos ingredientes utilizados. Observou-se também que o evento atingiu seu principal objetivo para a equipe organizadora, que foi mostrar a questão indígena por vários caminhos de luta e resistência, sendo a exposição dos costumes alimentares um desses caminhos.

Palavras-Chaves: costumes alimentares indígenas, diversidade cultural indígena, Núcleo de Estudos Indígenas.

1. INTRODUÇÃO

Em 2015 foi realizado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Araras, o I Simpósio de Interculturalidade, com o objetivo de reconhecer a diversidade da comunidade estudantil e de promover ações para a acolhida e permanência de estudantes indígenas na UFSCar (Sebastiani *et al.*, 2018). Este Simpósio foi muito importante para o fortalecimento dos estudantes indígenas, pois discutiu-se sobre a importância dos jovens estudantes indígenas para suas comunidades com a presença de lideranças de diferentes povos. Alguns dos principais desdobramentos deste Simpósio foi a formação do Núcleo de Estudos Indígenas (NEI) no campus Araras, em parceria com o Programa de Educação Tutorial (PET) Saberes Indígenas, bem como o início do Ciclo de Ações e Luta Indígena (CALI), evento anual desenvolvido pelo NEI/PET (Sebastiani *et al.*, 2018).

O CALI tem como objetivo promover maior interação entre estudantes indígenas e não indígenas através da divulgação aspectos envolvendo a cultura das diferentes etnias representadas no campus. Também é objetivo do CALI difundir a diversidade cultural indígena e sua importância na comunidade acadêmica. A primeira edição do CALI ocorreu em 2016 e teve como tema principal a discussão sobre a origem da humanidade e suas divindades para os diferentes povos. Em 2017, já em sua segunda edição, o CALI tratou sobre as comidas típicas dos diferentes povos representados no campus. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever como foi realizado o II CALI e qual foi a percepção dos participantes não indígenas sobre a importância deste evento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Silva e Morais (2015), as políticas de acesso e permanência no ensino superior através das Ações Afirmativas têm favorecido a chegada de sujeitos sociais concretos, com formas de construir conhecimentos que diferem das propostas do meio acadêmico. Assim, o Programa de Ações Afirmativas tem permitido maior diversificação do perfil dos estudantes, o que só contribui para a melhoria de qualidade das universidades, uma vez que as interações heterogêneas promovem maior aprendizagem por parte de seus participantes (Aubert et al., 2018).

O diálogo entre diferentes grupos que compõem a sociedade pode interferir no convívio diário, nos procedimentos didático-pedagógico-avaliativos, no rendimento acadêmico e na produção científica na universidade (Silva e Morais, 2015). Portanto, é fundamental que ações que promovam o diálogo tenham espaço no meio acadêmico.

No que se refere à cultura indígena, a falta de informação sobre a diversidade indígena brasileira tem permitido a construção de estereótipos que não condizem com a realidade:

Os povos indígenas que os portugueses encontraram ao chegar ao Brasil eram numerosos e contavam com uma população de cerca de 5 milhões. Atualmente são contabilizados cerca de 500 mil, representando apenas 0,4% da população brasileira, distribuídos em 215 etnias falantes de mais de 180 línguas diferentes (Rodrigues e Barbosa, 2015, p. 143).

A maioria da população brasileira nunca visitou uma aldeia ou teve qualquer contato com uma pessoa indígena, desconhecendo a história de seus próprios ancestrais. A valorização da cultura indígena tem garantido direitos territoriais e a recuperação de hábitos antigos para a manutenção da identidade dos diferentes povos indígenas no Brasil (Rodrigues e Barbosa, 2015).

Os indígenas que ingressam no ensino superior enfrentam, além dos desafios comuns a qualquer estudante, o desafio adicional de se adaptarem a uma realidade que por vezes é bem diversa da que estão habituados e, não raro, enfrentam preconceito contra sua cultura.

Ricardo e Santos (2018), falam sobre a invisibilidade dos estudantes indígenas nos espaços universitários:

Os estudantes indígenas são “invisibilizados” porque são poucos os espaços onde podem expressar e ter reconhecidos seus processos próprios de aprendizagem, os saberes tradicionais que têm sobre diversas áreas do

conhecimento, seu modo de vida e sua cultura. Misturam-se muitas vezes aos demais estudantes da Instituição porque o preconceito os desvaloriza aos olhos de muitos que não se reconhecem na existência deles (Ricardo e Santos, 2018, p. 4).

Para Rodrigues e Barbosa (2015), conhecer a realidade dos diferentes povos indígenas brasileiros é dever de todos os brasileiros, para que haja maior respeito mútuo entre todos os que compartilham a cultura brasileira. Levando em consideração esses aspectos, o Ciclo de Ações e Luta Indígena foi implantado na UFSCar campus Araras com o propósito de divulgar a diversidade cultural indígena, contribuindo para o diálogo e o respeito entre os diferentes grupos que compõem a comunidade acadêmica.

3. METODOLOGIA

Os estudantes indígenas se reuniram por povos e prepararam pratos típicos que representassem suas culturas. O II CALI ocorreu no dia 14 de novembro de 2017, no saguão do prédio principal da Universidade Federal de São Carlos campus Araras, onde foi montada uma mesa com os pratos típicos, bem como cartazes explicativos referentes aos povos indígenas ali presentes (Quadro 1). Os pratos típicos estiveram disponíveis para a degustação das 12-14hs (almoço) e das 17-19hs (jantar).

Quadro 1. Povos representados no II CALI, em ordem alfabética, bem como os pratos típicos elaborados.

Povos	Pratos Típicos
Baniwa, Tariano e Werekena	Caxiri (<i>padzaawarho</i>) e quinhapira (<i>attimapa</i>)
Kambeba	Macaxeira
Pankararú	<i>Peju</i> de pedra
Terena	<i>Híhi</i> , milho assado e mandioca assada
Tupinikim	Moqueca e <i>coaba</i>
Xavante	Peixe assado, cará e costela de porco assada
Xukuru do Ororubá	Tapioca com coco ralado

Fonte: Os autores.

Imagem 1. Alguns dos pratos típicos apresentados no II CALI.



Fonte: Os autores

Imagem 2. Caxiri, bebida típica dos povos Baniwa, Tariano e Werekena.



Fonte: Os autores.

Após a degustação, os visitantes da mesa de refeição foram convidados a preencher um breve questionário de avaliação do evento. Este questionário continha sete questões, das quais a última era optativa, versando sobre eventuais comentários dos participantes. Nesse questionário perguntou-se sobre a relação entre os costumes

alimentares e a cultura indígena, sobre outros aspectos importantes da cultura indígena e sobre os tipos de alimentos experimentados pelos participantes.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O evento foi visitado por 55 participantes, sendo 39 durante almoço e 16 participantes durante o jantar. Destes, 27 participantes aceitaram responder o questionário. A grande maioria dos participantes que respondeu ao questionário é composta por estudantes da graduação e pós-graduação (24), enquanto que dois docentes e um técnico administrativo compuseram o grupo restante de participantes.

Todos os participantes acreditam que os costumes alimentares transmitem informações culturais, justificando que esta é uma ótima forma de permitir a interação entre estudantes indígenas e não indígenas. Alguns participantes relataram a importância de conhecerem novos alimentos, formas de preparação e de cultivos. Entre os relatos dos participantes, destacamos: “A base da comunidade tradicional são seus costumes e as formas de fazer e cultivar alimentos transmite muito”; “É uma das expressões de uma prática realizada há tempos por estas comunidades, considerando o que há de alimentos disponíveis na região e as práticas no preparo”; “O alimento é a base da vida do ser humano; através da sua produção se dão as relações humanas”. Estes relatos mostram que o tema sobre pratos típicos chamou a atenção dos participantes, que por sua vez reconheceram elementos da cultura indígena nos alimentos experimentados.

Dentre os aspectos mais importantes para o reconhecimento da cultura de uma comunidade, os participantes citaram também a espiritualidade, o idioma, os vestuários, a música, as danças, a arte, a organização social, a pintura e a agricultura. Estas informações foram muito importantes para nortear novas edições do evento.

Todos os participantes consideram o evento importante para a divulgação da cultura indígena no campus, conforme podemos observar nesses relatos: “Com essa divulgação, a comunidade mostra um pouco das crenças e tradições, que muitas vezes passam despercebidas”; “(o evento) contribui para o conhecimento dos estudantes (indígenas) e outros que não têm acesso à esta cultura”; “Existe pouco conhecimento da população sobre os indígenas”; “A divulgação de outras culturas é importante para a compreensão do universo em que vivemos”. “O Brasil é muito rico em uma cultura infelizmente pouco conhecida e subjugada, daí a importância de mostrar essa riqueza.”

Dentre os participantes, 17 disseram reconhecer os ingredientes usados pelos estudantes indígenas em suas próprias dietas, enquanto nove participantes disseram reconhecer os alimentos já prontos para consumo. Apenas quatro participantes não identificaram tanto os ingredientes como os alimentos já preparados pelos estudantes indígenas. Vale lembrar que os principais ingredientes usados foram adquiridos em mercados do município e são amplamente utilizados no país, tais como mandioca, abacaxi, peixe, costela de porco e cará. Este fato demonstra a falta de conhecimento sobre a influência da cultura indígena na alimentação da população brasileira, de forma geral.

Todos os participantes apreciaram o II CALI: “Poderiam trazer, além das comidas, outros objetos e atividades da cultura indígena. Realizar um evento trazendo outras etnias e palestrantes.”; “Muito bonita a ideia e a realização. Façam mais vezes estas intervenções, se possível! Gratidão!”; “Importante para enriquecer o aprendizado e o respeito às culturas”;; “Tudo que envolve cultura é sempre bem vindo ao conhecimento, educação e compartilhamento.”

Imagem 3. Alguns dos estudantes indígenas participantes do evento.



Fonte: Os autores.

Imagem 4. Degustação dos pratos típicos.



Fonte: os autores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O evento cumpriu seu principal objetivo, que foi trazer a questão indígena para a universidade através da exposição de costumes alimentares. O fato dos pratos típicos terem sido preparados por etnias ou povos reforçou a diversidade indígena do Brasil, o que deve ser levado em consideração para ações de integração e diálogo entre a comunidade indígena tanto na universidade como na sociedade de forma geral. A seguir, o relato de um dos autores indígenas no presente trabalho em relação ao II CALI.

Assim, conhecedores da nossa própria história, através dos mais velhos anciões e das mulheres conhecedoras dos saberes de instinto maternal que sempre contribuíram e contribuem, nós estudantes indígenas ressaltamos as suas bravuras por nunca deixarem as nossas culturas morrerem. As suas vivências e narrativas sempre permanecem no cotidiano das comunidades e dos povos indígenas em geral. No período colonial até tentaram nos escravizar, mas levantemos as mãos aos nossos antepassados por resistirem. Hoje não é diferente: só estamos em um outro cenário. O evento teve a intenção de mostrar a temática de nossas culturas, sempre valorizando os conhecimentos tradicionais, buscando temas sobre a questão indígena pelos vários caminhos da luta e da resistência. Dessa forma, mostramos a difusão da cultura representativa em comunidades acadêmicas e para que de um modo geral não fiquemos só nas histórias e sim possamos remoldá-la. Para isso o caminho que tomamos é esse, o ingresso e a permanência no ensino superior.

REFERÊNCIAS

Aubert, A.; Flecha, A.; García, C.; Flecha, R.; Racionero, S. 2018. **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 206p.

Ricardo, H. A.; Santos, R. F.F. **Formação e Interculturalidade: os indígenas estão no Ensino Superior. E agora?** In: IV Congresso Nacional de Formação de Professores - CNFP e XIV Congresso Estadual de Paulista sobre Formação de Educadores, 2018, Águas de Lindoia, SP. Anais (on line). São Paulo: UNESP, 2018. Disponível em <https://sigeve.ead.unesp.br/index.php/submissionProceedings/viewSubmission?trabalhoId=1825> Acesso em 03/10/2019.

Rodrigues, E.S.; Barbosa, L.M.A. 2015. **A história das populações indígenas em livros didáticos do ensino fundamental: a experiência na rede pública de São Carlos-SP**. In: Silva, Sebastiani, R.; Calzolari Neto, A.J.; Bozzini, I.C.T. 2018. Simpósio de Interculturalidade e a diversidade cultural indígena: contribuindo para as ações afirmativas. Revista Conexão UEPG 14 (2): 187-194.

Silva, P.B.G.; Morais, D.S. (org.). **Ações Afirmativas – perspectivas de pesquisas de estudantes da reserva de vagas**. São Carlos: EdUFSCar, p. 141-154.

Silva, P.B.G.; Morais, D.S. 2015. **Ações Afirmativas: um caminho para a equidade**. In: Silva, P.B.G.; Morais, D.S. (org.). **Ações Afirmativas – perspectivas de pesquisas de estudantes da reserva de vagas**. EdUFSCar, p. 15-31.